

PRÁTICA DA CURADORIA DE IMAGENS

Autor: Simone Borba¹

Email: simoneb@rn.senac.br²

RESUMO: Esse trabalho articula aspectos de inclusão digital ao pensamento freireano. A partir da análise de obras de geógrafos foram identificadas as referências para a construção de significado atribuído à imagens e representação da paisagem, bem como da educação visual e do aprimoramento da perspectiva da pedagogia histórico crítica que permitem ao sujeito construir seu conhecimento sobre o mundo. A curadoria de imagens revela-se fundamental à educação do olhar e à construção do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Imagem. Cultura. Curadoria.

1. INTRODUÇÃO

Na obra *Cultura para a liberdade* (1981), Paulo Freire observa que estudar deve ser desafiador para promover a apropriação da significação, distanciando-se da memorização, da banalização e da “educação bancária”. Os professores, no período de suspensão de aulas em 2020, foram incentivados a aprender metodologias que os instrumentalizassem para operar com recursos tecnológicos de forma a entregar aulas mobilizadoras e que “engajassem” os alunos. Desafio aceito, o uso de recursos audiovisuais tornou-se essencial para dar suporte às atividades pedagógicas, transformando a relação com a imagem. Nesse trabalho, examinaremos alguns aspectos dessa transformação em curso, analisando a curadoria de materiais, fontes e imagens, lembrando que o período de suspensão das aulas, ainda que tenha exposto os professores de forma abrupta, foi precedido de mudanças sutis na capacidade de ler o mundo.

2. TRANSFORMAÇÃO & MUDANÇA

No período março/2020 à março/2021 o mundo dos professores foi exposto. Prática docente, metodologia, estratégias de ensino, didática ... foram escrutinados pela opinião pública. O Brasil, em face de sua diversidade socioeconômica, revelou-se um desafio de proporções peculiares, com um verdadeiro exército de profissionais da educação dispostos a encontrar soluções para dar continuidade ao ofício. A estatística dos órgãos públicos tornou-se um labirinto de informações em que dados brutos nos alienaram à percepção de uma realidade absoluta, mas sabe-se que o ambiente de interação da sala de aula foi deslocado para a sala (algumas vezes para a cozinha) das famílias brasileiras. A audiência dos educadores deixou de ser a turma de alunos em horário semi-integral, para incorporar mães, filhos, familiares em diversos níveis de formação escolar ou acadêmica, em período integral ou simultâneo.

No primeiro mês de suspensão das aulas presenciais, a “escola” movia-se cuidadosamente entre soluções municipais, estaduais e regionais, à espera de definições federais.



XVII CONGRESSO
INTERNACIONAL
DE TECNOLOGIA
NA EDUCAÇÃO

Dilemas e desafios de um futuro presente: o que esperar da educação?

22 e 23 | setembro | 21

1

2



XVII CONGRESSO
INTERNACIONAL
DE TECNOLOGIA
NA EDUCAÇÃO

**Dilemas e desafios de um
futuro presente: o que
esperar da educação?**

22 e 23 | setembro | 21

E nesse ínterim surgiram distintas oportunidades: vincular escola e família; e construir práticas de vivência para conferir significado ao aprendizado.

As novas relações estabelecidas e o uso de tecnologias que popularizam a produção de conteúdo, modificaram a percepção e a apreensão do ambiente em que estudamos e construímos nosso conhecimento de mundo.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O artigo foi realizado a partir da participação no curso de aperfeiçoamento “Paulo Freire e o uso pedagógico da imagem visual em geografia”, no qual foram indicadas as referências bibliográficas e orientada a reflexão por meio de fóruns.

Ao longo das semanas, a observação suscitada pela perspectiva de pesquisadores como Teresa Barata Salgueiro e Milton Santos, e a comparação com os elementos de competência de cursos do Programa de Aprendizagem do SENAC, definiram a elaboração de estratégias de curadoria, utilizadas para fundamentar e projetar aulas apoiadas na construção do conhecimento pelo aluno, com especial atenção aos “conteúdos de formação humana e científica devidamente contextualizados”, conforme citados na Portaria MTE nº723 (BRASIL, 2012).

4. ANÁLISE

Em 2018, o conceito de curadoria foi registrado na Base Nacional Comum Curricular, admitindo a relação com processos de construção de produções criadas a partir de outras (pre)existentes, destacando o papel de mediação do educador para o qual tornou-se necessário desenvolver-se no papel de curador de conteúdos. Tais conteúdos encontram-se em mídias diversificadas, sendo necessário selecionar e elencar recursos com finalidade educativa.

A mudança de ambiente de aprendizagem desencadeou esforços em todas as instituições de educação no sentido de acelerar o desenvolvimento de estratégias de curadoria, em meio ao ambiente em que proliferava a produção de conteúdo autoral.

Estimular e apresentar fontes e recursos audiovisuais diversificados ampliam o repertório de relações cognitivas e, conseqüentemente, desenvolve o senso crítico, inclusive a forma de perceber e interpretar as informações recebidas do meio, daí a necessidade de definir estratégias de curadoria para que tais fontes e recursos audiovisuais sejam também confiáveis.

Uma das imagens mais emblemáticas da transformação em curso circulou nas redes sociais em 2019, a partir de uma postagem do artista indiano Boman Irani, conforme pode ser visto na ilustração 1, Postagem de @boman_irani.



Figura 1: Imagem publicada por @boman_irani
Autor desconhecido, fonte @boman_irani, 2019.

Na imagem observamos quatro crianças indianas, em situação de vulnerabilidade social, posando para uma “fotografia” imaginária retratada por um garoto, usando um chinelo como simulação de dispositivo fotográfico, à semelhança de smartphones com câmera. A análise da imagem sugere que o chinelo pertence à uma das crianças.

A imagem apresenta claramente a simulação de um momento histórico autoral. O autor da fotografia imaginária retrata sua própria história, adotando sua perspectiva pessoal, em seu ambiente de vivência diária.

A produção de conteúdo autoral foi popularizada pela tecnologia digital.

Outra questão que se interpõe e que merece reflexão constante: nos processos educativos é possível estabelecer conexões e viabilizar a liberdade criativa. Examinando o início da construção da representação escrita, observa-se que o ser humano apropria-se de imagens e cria suas representações. Durante a infância, as garatujas possuem significados de extrema importância pois representam a leitura de mundo. A apropriação da escrita e também de todo o conhecimento formal se dá pela apropriação de saberes sistematizados, que progressivamente confrontam o conhecimento construído pelo ser. Os processos educativos podem explorar as relações entre os significados construídos e os saberes sistematizados, admitindo a pluralidade de ideias e perspectivas, por isso ao longo do processo de educação formal são adotadas metodologias e estratégias que acompanham a evolução do processo de leitura.

Convém lembrar que à medida que conhece o mundo em que vive o ser humano desenvolve autonomia e segurança para ampliar sua experiência. A leitura amplia-se de decodificação de símbolos escritos para abarcar símbolos socialmente legitimados.

Ao tratar do perfil cognitivo do leitor, Santaella (2010) classifica três tipos de leitores: *leitor contemplativo*; *leitor movente* e o *leitor imersivo*. O contexto no qual emerge o leitor é o da produção popular de imagens e de conteúdo. Conforme anuncia a autora ao abordar a ontologia como estudo da existência,

“nós humanos também entramos no foco de interesse filosófico, mas não somos mais o único foco. Nessa nova ontologia, tudo existe em igualdade de condições, de modo que nossa atenção deve se voltar para



XVII CONGRESSO
INTERNACIONAL
DE TECNOLOGIA
NA EDUCAÇÃO

Dilemas e desafios de um futuro presente: o que esperar da educação?

22 e 23 | setembro | 21

as coisas em todas as suas escalas, ponderando sobre sua natureza, suas relações entre si, tanto quanto suas relações com o humano.”

Santaella (2004, p.29)



No contexto da ubiquidade, jornais de diferentes locais, documentários, exposições fotográficas e até visitas virtuais à museus, podem provocar reflexões de forte cunho educativo, transformando a interpretação da realidade. As transformações na forma de apropriação do conhecimento favorecem o estabelecimento de estratégias de ensino e de aprendizagem que sejam mais dinâmicas e interativas. Em qualquer nível de atuação, educadores incorporam metodologias dedicadas ao desenvolvimento do protagonismo do aluno, e a curadoria de materiais e fontes relevantes.

É possível partir da percepção, apreensão e representação do contexto (local) para situá-lo em relação a modelos e sistemas semelhantes, observando as discrepâncias e discordâncias. O acesso à modelos históricos tornam-se atrativos à medida que propiciam o uso de documentos que permitem interpretar informações diversas; além de quê, junto aos alunos é interessante usar o método dialético e desenvolver discussões baseadas nas vivências pessoais comparadas com relatos diversos, nos quais a imagem cria uma referência à qual podemos inferir significados. Ao adotarmos a interdisciplinaridade temos a oportunidade de associar à imagem, diferentes perspectivas.

Para viabilizar a educabilidade do olhar, faz-se necessário desenvolver o senso crítico. Oferecer diferentes perspectivas para um mesmo artefato visando promover um diálogo plural, consolidando espaços de reflexão, discussão e partilha de experiências sobre o uso da imagem como mediação da prática docente. A interdisciplinaridade é intrínseca ao engajamento do aprendiz.

Educação Visual

Ao abordar a ontogênese da imagem, Romão (2010) provoca a reflexão sobre a origem do hábito humano de usar a imagem para preservar suas memórias, suas narrativas, a cultura, e tudo o mais que seja significativo, apontando que "Captar a realidade e imobilizá-la na imagem era uma forma de exorcizar a inexorabilidade do fluxo do tempo e da aproximação do próprio fim, prolongando a realidade para a eternidade, ludibriando a morte."

Para Romão, Paulo Freire confere à imagem um sentido prático para a educação dos adultos: ela se apresenta como canal necessário, quando se trata de círculo de cultura com alfabetizando(as) que ainda não sabem ler a escrita da língua materna. Todavia algo que chama a atenção é a percepção de que nas obras freireanas, embora não seja usado a palavra "imagem" com frequência, a representação gráfica assume um caráter de resgatar a "capacidade de apreensão e compreensão da realidade", conferindo legitimidade ao conhecimento; e confirmando a percepção de que a expressão gráfica de letras e numerais comunicam ideias que permanecem na memória e são socialmente reconhecidas, fazendo com que as palavras sirvam de referência às imagens que evocam.

Compartilhar diferentes pontos de vista, incluindo a escolha de uma imagem em



XVII CONGRESSO
INTERNACIONAL
DE TECNOLOGIA
NA EDUCAÇÃO

Dilemas e desafios de um futuro presente: o que esperar da educação?

22 e 23 | setembro | 21

detrimento de outra, faz com que os "significados" possam ser melhor debatidos, de forma que ajudem a construir a "realidade" à que se refere Romão. Uma vez instituídas e legitimadas, as imagens contribuem para carregar mensagens para todos os espaços educativos.



XVII CONGRESSO
INTERNACIONAL
DE TECNOLOGIA
NA EDUCAÇÃO

Dilemas e desafios de um futuro presente: o que esperar da educação?

22 e 23 | setembro | 21

É possível realizarmos a educabilidade do olhar e promover a educação formal utilizando narrativas visuais, considerando uma observação, em particular, de Romão (op.cit) quando destaca “Os desenhistas muito criativos são obrigados a lançar mão somente de recursos gráficos também para representar a sonoridade (oralidade), o pensamento e os sentimentos das personagens.”

A primeira questão seria identificar quais elementos de narrativas visuais, como as Histórias em Quadrinho (HQ), contribuem para a educabilidade. Animação em uma história, é um aspecto pertinente, mas há de se considerar as escolhas e representações do(s) autor(es). Há bons comentaristas da vida urbana, da infância e do ambiente empresarial, há críticos observadores e atentos da vida pública, porém o que predomina na história em quadrinhos é o olhar de quem projeta a imagem. Podemos escolher imagens para variadas idades e contextos educativos, bem como definir seu uso como objeto de aprendizagem ou estratégia de ensino, todavia, é recomendável examinar a perspectiva de quem produz o material de forma a conferir coerência ao conjunto selecionado pela curadoria.

Curadoria: fundamentos para garantir coerência

Retratar imagens e contextualizar a paisagem, sempre foi um desafio conceitual; tanto em relação à evolução do conceito de paisagem, e como em relação ao conhecimento sobre o ambiente moldado pela interpretação humana. Teresa Barata Salgueiro (2001), observa que usufruir da natureza, antes do século XVIII, relacionava-se a contemplação e a aprendizagem dos códigos de um modelo cultural. Isso se reflete na representação da forma de relacionamento com o espaço e com o sentido econômico da terra; a ocupação e a economia capitalista substituíram a economia natural, e à medida que foi culturalmente ressignificado, tal relacionamento confirmou a apropriação do conceito de paisagem pela sociedade, porém pautado também pela evolução da tecnologia e da ciência. Posteriormente, a ideia de paisagem foi transformada para ideia de território abstrato, e as modificações territoriais associadas ao desaparecimento de muitas formas tradicionais de organização social, alteraram as referências para o modelo cultural.

Uma vez compreendido que a percepção do autor da imagem também é impactado pelos valores culturais à ela associados, é possível identificar a combinação de elementos naturais e humanos.

Segundo SALGUEIRO (op. cit), o ponto de partida e o objetivo estão relacionados à observação assertiva, pois o conceito pode ser essencialmente visual mas também é progressivo, confirmando a necessidade de explicação do conjunto; sendo possível, a partir da perspectiva adotada por métodos da escola regional corológica, perceber o estudo de paisagem vinculado ao exame de relações funcionais e dinâmicas entre os elementos que a constituem. Salgueiro desvela argumentos que promoviam relações entre a memória coletiva e o imaginário na identificação dos territórios representando a decodificação dos sentidos. A autora argumenta que



XVII CONGRESSO
INTERNACIONAL
DE TECNOLOGIA
NA EDUCAÇÃO

Dilemas e desafios de um futuro presente: o que esperar da educação?

22 e 23 | setembro | 21

as sociedades organizam o território traduzindo suas crenças e valores, porém é necessário lidar com as representações estéticas; alinhando-se à Paulo Freire (1981), que ao tratar de processo



de alfabetização de adultos, afirma: “por meio de representações da realidade concreta, procuramos alcançar a razão de ser dos fatos.”

Para a educação do olhar, e desenvolvimento de uma perspectiva histórico crítica, é possível considerar o uso de história em quadrinhos (HQ), justamente pelo fato de que comporta uma narrativa, e não somente retrata a paisagem, como pode ser visto na figura 2, tira do livro “Cerrado em Quadrinhos” do cartunista Evandro Alves.



Figura 2: Tira do livro “Cerrado em Quadrinhos”
Fonte: ALVES, Evandro. Disponível em Página do Facebook: Cerrado em Quadrinhos. Publicado em 07/06/2020. Acessado em 07/04/2021.

Em termos de educação geográfica o material produzido pelo cartunista Alves (2010) é um recurso para promover a educação ambiental a partir de uma perspectiva dialética. O cerrado que o artista retrata é um bioma relativamente extenso, com rica biodiversidade e condições climáticas singulares, mas também é o espaço no qual se desenrolam histórias e ocorrem fatos.

A HQ em particular (Figura 2), provoca a reflexão sobre a ocupação humana do cerrado e remete aos conflitos atuais pela posse da terra, criando um recorte para as comunidades quilombolas. Tal HQ pode ser usado como Tema Gerador, como por exemplo: Transformações em biomas provocadas pela ocupação humana, na Educação de jovens e adultos, com exposição inicial da HQ de Alves de modo que os alunos se apropriem do conteúdo sugerido e comentem. É possível solicitar que os alunos intitulem a HQ; com o uso de mapas, localizar quilombos resilientes e analisar situação de jovens, identificando e caracterizando situação de vulnerabilidade; explorar os comentários sobre: uso de mão de obra escravizada, surgimento de quilombos, história de apropriação de recursos e manutenção/situação atual dos quilombos;



XVII CONGRESSO
INTERNACIONAL
DE TECNOLOGIA
NA EDUCAÇÃO

Dilemas e desafios de um futuro presente: o que esperar da educação?

22 e 23 | setembro | 21

solicitar aos alunos que componham um mural gerando uma curadoria personalizada.

Após promover a mediação de forma interdisciplinar, a imagem usada na curadoria para desencadear a educabilidade do olhar articulada ao conhecimento projetado, permite reavaliar a



perspectiva do autor, e explorar narrativa e personagem, identificando os sentidos históricos de "rotas de fuga", por exemplo.

Para concluir uma atividade específica com a figura 2, é possível sugerir alternativas para evitar as "Rotas de fuga" e a degradação de biomas associados à comunidade quilombola e à outras comunidades como as ribeirinhas, por exemplo. Destaca-se, aqui, a possibilidade de que os alunos possam aplicar o conhecimento pela educação visual à outras situações similares, pois observa-se que no cerne da discussão sobre as formas de ocupação também se localizam: representação da forma de relacionamento com o espaço e com o sentido econômico da Terra à qual se referia Salgueiro (ibid.). Mas também as relações de produção e de capital, e a universalização da cultura humana, objeto de estudo do geógrafo Milton Santos.

Para Milton Santos (1988) o espaço e a paisagem são processos históricos e resultam de movimento superficial e intrínsecos à sociedade. Sendo a paisagem aquilo que nossa visão identifica, a ideia que temos de paisagem é influenciada pela interpretação que fazemos da imagem que vemos. Milton Santos observa que é possível compreender que a paisagem transformada por relações de produção é uma paisagem artificial; todavia o autor acrescenta que "a paisagem é um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais"; ao tratar do imbricamento da paisagem natural com a paisagem artificial o autor indica haver um caminho de evolução levando em conta a sucessão histórica dos modos de produção. Ressalva-se que " há uma relação entre os instrumentos de trabalho (objetos dos mais diversos tamanhos, e o homem cria para poder produzir) e a paisagem" e por isso os instrumentos de trabalho constituem um elemento de organização da paisagem, sustentando-se na circulação, na distribuição e no consumo de mercadorias. O ritmo da produção cria também movimentos que podem ser relacionadas a mudanças que ocorrem na paisagem, segundo Santos (op. cit) cada período se caracteriza por um dado conjunto de técnicas, e a paisagem é constantemente modificada pela inovação triunfante. É possível identificar na paisagem momentos de produção marcadas por movimentos e ritmos atrelados à condições político-econômicas e culturais. Na obra *Metamorfose do Espaço Habitado*, Milton Santos insiste que, embora a palavra paisagem seja utilizada como sinônimo de espaço, o espaço é um conjunto de objetos e relações que criam uma mediação para que a ação dos homens tenha resultado.

Adotando tais premissas, a análise do uso de imagens, para além de mapas e histogramas, alinha ao pensamento freireano na compreensão do "caráter teleológico da unidade ação-reflexão, isto é, da práxis, com que o homem transformando o mundo, se transforma" (FREIRE; 1981), e adquire conhecimento.

A curadoria de imagens alinhada ao pensamento freireano, evidencia conceitos que tratam da paisagem como elemento construído culturalmente, daí seu significado dialético e importância capital. Milton Santos esclarece que a paisagem não é tão somente espaço, na definição do autor a paisagem é materialidade; o autor elabora uma síntese: " a paisagem precede a história que



XVII CONGRESSO
INTERNACIONAL
DE TECNOLOGIA
NA EDUCAÇÃO

Dilemas e desafios de um futuro presente: o que esperar da educação?

22 e 23 | setembro | 21

será escrita sobre ela ou se modifica para acolher uma nova atualidade, uma inovação."

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS



XVII CONGRESSO
INTERNACIONAL
DE TECNOLOGIA
NA EDUCAÇÃO

Dilemas e desafios de um futuro presente: o que esperar da educação?

22 e 23 | setembro | 21

Por leitura de imagem podemos aludir à decodificação de signos e significados, culturalmente construídos e legitimados. Para ler uma imagem é preciso reconhecer os elementos nela contidos, atribuir-lhes valor e sentido. A legitimidade é ancorada no sentido que é construído em consenso pela sociedade.

Paulo Freire, em "Pedagogia do Oprimido" ao tratar de significação observa que primeiro é necessário que o sujeito reconheça a significação profunda de sua existência no mundo. A sociedade define os signos e o valor que representam, e, também, as ideias que estão ao signo vinculadas. Posteriormente, em "Pedagogia da Autonomia" o autor refere-se à imagem, associando-a à comunicação de ideias.

Depreende-se do artigo de Salgueiro que sendo a imagem associada às diferentes percepções e apreensões da paisagem, ao longo de diferentes construções culturais, é natural que seja a imagem a primeira fonte de informação para o leitor, alfabetizado ou não. Somente no ambiente constituído de significados é possível realizar a leitura da imagem. Grossomodo, nossa visão abarca os elementos, mas é nossa cultura que confere sentido e significado à representação gráfica. A partir de tal perspectivas (dos significados construídos e legitimados) é possível compreender a imagem como suporte gráfico e materializado de informações e elementos às quais são atribuídos sentidos e significados que comunicam ideias, conceitos ou delimitam espaços e condições de reprodução social. A curadoria de imagens assume contornos significativos para orientar diálogos e conciliar os saberes.

Para Paulo Freire, a educação tem uma tarefa humanizante e libertadora, baseada no ato de conhecer. Ao educador cabe aprender a lidar com as incertezas, com o inusitado, aprender a dialogar com outras ciências e a ampliar a visão de mundo, da educação, de sujeito; ou seja, ser reflexivo, questionador de si mesmo e do mundo, ser crítico, inquieto frente aos fatos, visando à intervenção, à transformação social. Os sujeitos, por meio de ação-reflexão tornam-se produtores de conhecimento.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Evandro. **Cerrado em Quadrinhos**. Disponível em <<https://instagram.com/cerrado.em.quadrinhos.oficial/>> Publicado em 07/06/2020. Acessado em 07/04/2021.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. 10ª ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)
- ROMÃO, José Eustáquio. **Paulo Freire e a imagem**. Educação & Linguagem • v. 13 • n. 22 • 77-97, jul.-dez. 2010
- SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo:



XVII CONGRESSO
INTERNACIONAL
DE TECNOLOGIA
NA EDUCAÇÃO

Dilemas e desafios de um futuro presente: o que esperar da educação?

22 e 23 | setembro | 21

Paulus, 2004.

_____. **Comunicação Ubíqua: Repercussão na Cultura e na educação.** São Paulo:

Paulus, 2013.



XVII CONGRESSO
INTERNACIONAL
DE TECNOLOGIA
NA EDUCAÇÃO

Dilemas e desafios de um futuro presente: o que esperar da educação?

22 e 23 | setembro | 21

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. Hucitec: São Paulo, 1988.

SALGUEIRO, Teresa Barata. **Paisagem e geografia**. Revista Finisterra. Vol. 36 N.º 72 (2001)

Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/1620/1315>> Acessado em 02/04/21.